

NO DÉCIMO ANIVERSÁRIO

5
10
15
20
25
30
35
40
45
50
55

Fevereiro, 974. Um avião baixou no campo de pouso de Mundo Novo. Saltaram seis passageiros e ficaram esperando que algum veículo passasse para a cidade, afim de mandar recado pedindo um carro para transportá-los. Depois de horas de espera, apelaram para o “bonde canela”, rumando para o Cobé, (sete quilômetros) onde tentariam encontrar um transporte. Não sei se encontraram ou se continuaram “na palêta” até a cidade, completando a quilometragem: 12 quilômetros. Dias depois baixou um avião vindo de Goiana, trazendo alguém que vinha ao encontro do pai que estava passando mal. E naquêlo campo de pouso gastou mais tempo do que o que foi gasto de Goiana a Mundo Novo! E o transporte não apareceu! Comentei o fato com o ex-prefeito, lamentando a ausência de um telefone ligando aquêlo campo à cidade. E êle, então, me contou esta monstruosidade: que na sua gestão conseguiu com o Departamento de Aviação da Bahia a doação de um abrigo que seria construído no Campo de Pouso, não apenas com telefone, mas, também, com sanitário completo: depósito de água, banheiro, latrina com descarga e pia. Construção orçada em Cr\$-14.000,00, totalmente por conta daquêlo Departamento, com uma condição apenas: a aprovação da Câmara de Vereadores, uma vez que o campo, ao ser inaugurado foi entregue ao município. O Departamento entrava com tudo. O Município entrava apenas com a aprovação da Câmara de Vereadores. Pois bem: o incrível, o fantástico, o horrível aconteceu— seis vereadores de uma câmara de onze impossibilitaram a aprovação requerida! Se não dependesse da câmara e o prefeito tivesse construído, talvez os fios fossem arrancados depois, para que o telefone não funcionasse. Porque foi assim que aconteceu com o matadouro que o ex-prefeito deixara pronto, faltando apenas retoques e inauguração. As instalações para água e luz foram arrancadas para que o matadouro não funcione. E os abatedores de Mundo Novo continuam sem usufruir os benefícios de um matadouro que custou Cr\$ 73.000.00 e frações! O abrigo do campo de pouso teria o esmo destino! Infeliz Mundo Novo!

Não é de admirar que o décimo aniversário da grande Revolução Re-
dentora do Brasil tenha passado sem nenhuma comemoração nesta cidade! Acontecimento extraordinário, o maior, o mais belo, o mais fecundo de
nossa História, não pode ser compreendido, não pode ser sentido, não pode
fazer vibrar a quem coloca mesquinhos rancores pessoais acima de tudo.
Nada escrevi desta vez, comentando mais um aniversário da Grande
Revolução. Porque quando vejo os municípios entregues à mesma política-
gem sórdida dos anos anteriores à Revolução, fico sem graça, fico triste,
fico sem esperança de que estas misérias municipais acabem sendo focalizadas
pela Revolução, para o seu extermínio definitivo!

Dez anos de Revolução! Da revolução dos meus sonhos! A Revolução
que invoquei em 1962, quando num artigo que publiquei comentando su-
jeiras do politiquismo municipal, escrevi: “só nos resta esperar... Esperar
a Revolução!” Que alegria imensa quando a vi chegar dois anos depois
que a invoquei!

Lamentavelmente, o que tenho a expressar neste ano do décimo ani-
versário festejado em todo o Brasil, menos aqui em nosso Mundo Novo,
é este lamento.

Resta-me esta doce consolação: a certeza de que, com Ernesto Geisel
na presidência e Armando Falcão no Ministério da Justiça, o AI-5 continua-
rá irremovível, a Revolução continuará inabalável! Para tristeza de liberaloi-
des e vermelhoides saudosistas que andam aberrando por “abertura demo-
crática” numa evidente demonstração de que “os cães querem voltar ao vô-
mito”, “os porcos querem voltar à lama”.

Mundo Novo 2 de abril de 1974.
EULÁLIO MOTA

60

P.S. — É bom esclarecer “a quem interessar possa” que: — voltando à ação de “escriba da roça”, não tenho nenhuma intenção de me meter na política local. Porque a mim e aos meus não interessam honrarias de Sucupira.